

Património Cultural das Comunicações – Memórias tangíveis de imaterialidades e materialidades, imortalizadas pelos caminhos comunicantes: dos carteiros às transmissões, da arte, ciência e tecnologia dos correios e telecomunicações às infotecnologias digitais do projeto «Comunicar na República».

Caminhos de partida à chegada...

Joel de Almeida

Nota introdutória: Génesis do projeto «Comunicar na República»

O projeto «Comunicar na República» surgiu em sequência/consequência de reunião conjunta com o presidente do Conselho de Administração da Fundação Portuguesa das Comunicações (FPC), Sr. Eng. Almeida Mota, e a presidente da Direção do Grupo de Amigos do Museu das Comunicações (GAMC), Sra. Dra. Isabel Varão. Esta iniciativa insere-se no âmbito das comemorações do Centenário da República Portuguesa.

O projeto da Fundação Portuguesa das Comunicações, instituído em 1997, remonta a 1990:

«A Fundação tem por fim promover o estudo, conservação e divulgação do património histórico, científico e tecnológico no domínio das comunicações, cabendo-lhe, ainda, realizar actividades de investigação, cooperação e de imagem, divulgando a evolução histórica e as novas tecnologias do setor, bem como o seu contributo para o desenvolvimento económico-social do país e da comunidade. **1**

1. Artigo Terceiro (Fins). Um. Estatutos da Fundação Portuguesa das Comunicações (FPC).

O Grupo de Amigos do Museu das Comunicações foi criado em 1987, pela Sra. Dra. Maria da Glória Firmino, então diretora do Museu dos CTT, e pelas suas conservadoras. Tem como propósito fundamental: «favorecer o enriquecimento das coleções do Museu das Comunicações, contribuir para o desenvolvimento e difundir a história dos correios e telecomunicações». **2**

O trabalho de projeto cooperativo/colaborativo «Comunicar na República» desenvolve-se pelas e nas componentes investigativa, expositiva e de divulgação educativo-patrimonial.

Enquadra-se no campo de intervenção-ação participativa, capaz de contribuir para promover o estudo e a investigação do património histórico, no domínio das comunicações: na arte, na ciência e tecnologia. Visa a promoção, desenvolvimento e salvaguarda do património cultural, material e imaterial, das comunicações – correios e telecomunicações, enquanto contributos fundamentais para o progresso da cultura humanista, científico-tecnológica e técnico-criativa, na preservação do futuro, pelo (re)conhecimento de legados, para memória futura, tangíveis e/ou intangíveis, de intervenção/interação pedagógica e de complementaridade educativa:

2. Artigo 4 dos Estatutos do Grupo de Amigos do Museu das Comunicações (GAMC).

Ao lado: Símbolo dos CTT dos anos 30 (Estado Novo) presente num vitral do edifício do Museu dos CTT na Rua D. Estefânia, n.º 175, Lisboa (arquivo iconográfico da FPC).

I. Trabalho de Investigação:

› Na contextura das artes, ciências técnicas e tecnologias e humanidades; nos contextos socioculturais, político-sociais e científico-tecnológicos na conjuntura evolutiva das técnicas de comunicar – *As Tecnologias das Comunicações Postais e Telecomunicações e sua importância na Sociedade Portuguesa (1910-2010)*;

II. Meta-exposição interpretativa:

› *Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia*;

III. Publicações analógicas e digitais:

- › Catálogo/álbum: *Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia*;
- › Cadernos pedagógicos/folhas de sala;
- › Livro eletrónico em DVD e em linha;
- › Sítios na internet.

Filosofia concetual do projeto

Pressupostos e finalidades investigativas

Os propósitos fundamentais do projeto «Comunicar na República» são de natureza comunicacional – museológico-patrimonial e pedagógico-didática.

Constituem-se seus objetivos fundamentais, os contributos, que se pretendem consequentes para a (trans)formação da sociedade cognitiva e sociedade do usufruto para o século XXI – da sociedade de informação/aprendizagem rumo à sociedade do conhecimento/competência... Tem como base processual o estudo para a promoção e divulgação do património nacional das comunicações – correios e telecomunicações, no âmbito da educação patrimonial, pela construção coletiva do conhecimento – património cultural das comunicações.

Utilizam-se vários meios e materiais em suportes comunicativo-educacionais, com recurso às novas infotecnologias interativas da comunicação educacional multimédia (CEM).

Aplicam-se metodologias investigativas ativas e qualitativas, assim como estratégias de trabalho de projeto cooperativo-colaborativo e inter-relacional.

A estrutura organizacional do projeto «Comunicar na República» é modular, de temáticas multidisciplinares, inter e transdisciplinares, com foco na evolução histórica das comunicações – correios e telecomunicações.

As funcionalidades operativas do projeto «Comunicar na República», nas suas componentes comunicativo-educacionais, tiveram em linha de conta as indispensabilidades de exploração pedagógica dos percursos

expositivos, tanto na museografia, como nos seus suportes conteudísticos – Serviço Educativo e de Extensão Cultural do Museu das Comunicações (MC).

Apresentam-se, assim, temáticas pluridisciplinares, articulatórias, interativas e participativas, visando a intervenção pedagógico-didática da ação educativa – públicos/museu centro de ciência e tecnologia e respetiva adequação, em função das especificidades culturais desses públicos, seus interesses e necessidades, assim como a inerente complementaridade educativa pela fundamentação/aprofundamento das temáticas e estratégias abordadas.

As estratégias de exposição/comunicação museal e educativo-patrimonial são de interação relacional com todo o espaço expositivo da FPC/MC.

Na estratégia de *marketing* comunicacional, a promoção/divulgação do projeto museográfico é multisuporte (analógico, digital e em linha).

O processo de organização operacional do corpo do projeto é multidisciplinar, baseia-se nos contributos investigativos de vários especialistas teórico-práticos, museólogos, conservadores e técnicos experimentados:

- › Da gestão e coordenação de projeto ao estudo, conservação e divulgação do património cultural das comunicações;
- › Da arquitetura museal ao *design* da comunicação;
- › Da pedagogia e didáticas específicas às ferramentas da comunicação educacional multimediatizada e interativa, áudio-scripto-visual e multimédia.

Na dimensão concetual aposta-se na metodologia de trabalho de projeto investigativo, pela partilha, cooperativa/colaborativa de conhecimentos experienciados:

- › Históricos e museológicos – Património histórico, artístico, científico-tecnológico e técnico-criativo no domínio das comunicações – correios e telecomunicações;
- › Educacionais e comunicativos – Utilizam-se estratégias educativo-comunicacionais, tanto no *design* da comunicação educacional multimédia, quanto pelos recursos educativos – meios e materiais didático-pedagógicos e na intervenção-ação de extensão cultural e de complementaridade educativa;
- › Saberes e atitudes – saber ver, saber conhecer, saber fazer, saber ser/estar/conviver (interação e complementaridade de saberes interpretativos, cognitivos, resolutivos, relacionais...) de forma interventiva e rigorosa, numa postura construtiva, de partilha, de pensamento crítico-criativo e de humildade no conhecimento.

Articulam-se, deste modo, várias potencialidades multidisciplinares:

- › As temáticas abordadas em exposição com as didáticas específicas do currículo escolar;
- › As valências da intervenção/exploração pedagógica das exposições museais com as características fundamentais da ação educativa dos museus centros de ciência e tecnologia;
- › As técnicas, tecnologias e ferramentas da comunicação educacional multimediatizada e interativa com as especificidades da comunicação de arte, ciência e infotecnologias.

Princípios orientadores do projeto

Os princípios orientadores deste projeto assentam em conceitos teórico-funcionais da museologia pós-moderna, da interação e complementaridade educativas, e estão alicerçados no espírito da filosofia conceitual da nova museografia interativa, nas dinâmicas ativas de intervenção pedagógica e na inter-relação da ação educativa escola/museu centro de ciência e tecnologia.

No pressuposto imprescindível de rigor investigativo e intencionalidade comunicacional, como princípio de articulação, interação e complementaridade, elegemos a convergência de matérias científicas, técnicas e estéticas, com um fim comum: promover a satisfação do usuário no usufruto do museu centro de ciência e tecnologia, visando coadjuvar a construção criativa do conhecimento inter-relacional.

Perspetivamos, com o projeto «Comunicar na República», contribuir para a maior tomada de consciência da importância de comunicar arte, ciência, tecnologia e humanidades, com consequência sociocultural positiva na construção da educabilidade cognitiva/cognoscitiva.

Desejamos inter-relacionar patrimónios, acervos de objetos museológicos, memórias e legados identitários, materiais e imateriais, contributos para uma cultura mais acessível, abrangente, inclusiva, diversificada e de consolidação – estudo/preservação/diulgação patrimonial multi e intercultural...

Pretendemos contribuir para uma melhor configuração de novos saberes relacionais provenientes da interação socioeducativa, da relação/ação pedagógica ativa, construtivista/transformativa, inter/pluri/transdisciplinar.

Acreditamos na importância dos resultados consequentes de uma animação sociocultural criativa e de complementaridade educativa com as artes, as ciências, as tecnologias e as humanidades, enquanto contributos contitudísticos relacionais de sensibilização, informação e motivação para uma melhor preparação, defesa e promoção do património natural e cultural, tangível e intangível, ao serviço da sociedade global...

Assim sendo, interagimos de uma forma articulada e complementar, numa prospectiva relacional da melhoria da nossa comunicabilidade informativa/formativa, usabilidade educativa/transformativa, com vista à (re)estruturação e desenvolvimento da educabilidade cognitiva/cognoscitiva, prospetando uma maior qualificação na satisfação do e no usufruto. Convictos de que assim, melhor percebemos novas formas de preservar o futuro... em partilha. Porque, prospectamos a construção do conhecimento patrimonial, aprendemos, apreendemos e compreendemos melhor os fundamentos das coisas e as suas causas.

Visamos o pensamento crítico, pela partilha reflexiva da inhomogeneidade de pontos de vista, procedimentos/posturas, enquanto contributos, conhecimentos experienciados, para uma maior e melhor interação sociocultural, mais ativa – envolvimento e desenvolvimento – decorrentes da construção social da cidadania em constante melhoria da «sustentabilidade cultural».

Também consideramos muito importante e até fundamental os contributos para, no universo da sociedade em rede da globalização da era digital e da emergente cibercultura científico-criativa, a (re)estruturação/construção/promoção das novas redes sociais de aprendizagem colaborativa (RAC's), pela utilização das novas infotecnologias interativas da comunicação educacional multimédia visando uma nova sociedade do usufruto do conhecimento pela maior consciencialização da construção autónoma de saberes e conhecimentos pertinentes.

Estamos determinados, essencialmente porque acreditamos na estratégia SIM – sensibilizar, informar e motivar para a educação patrimonial: pelos contributos/efeitos/resultados das interações/intervenções informativas/formativas e de complementaridade educativa, junto dos públicos jovens das escolas/museus – serviços educativos/visitas de estudo, conducentes à construção tutorial e autónoma do conhecimento pertinente – aprendizagens significativas formais, não formais e informais ao longo da vida, visando a construção de saberes relacionados e desenvolvimento de novas competências...

Apostamos numa visão integrada e integradora do património cultural e da promoção da educação patrimonial como instrumento de cidadania, porque entendemos que configurar um trabalho de projeto cooperativo e colaborativo, de uma forma participativa, atual e atuante, é contribuir para nos compreendermos mais e melhor...

Estamos convictos de que, se, conjuntamente, analisarmos a causa das coisas do passado e perspetivarmos o (re)conhecer, no presente, as coisas em causa, ajudaremos a prospear um futuro mais preferível –

preservando o futuro hoje – futuro presente que se presente...

Neste sentido, o GAMC e a equipa de trabalho do projeto «Comunicar na República» ambicionam contribuir para proporcionar a todos os visitantes da FPC/MC um tempo de deleite num espaço estimulante.

A equipa de trabalho do projeto «Comunicar na República»

O GAMC, na sua grande maioria, é constituído por ex-colaboradores do antigo Museu dos CTT e profissionais que trabalharam e/ou ainda trabalham na FPC e colaboram ativamente com o MC.

Fruímos do privilégio de contar com as preciosas colaborações de investigadores/especialistas experimentados, muito conhecedores do património museológico da FPC, pois o manusearam, estudaram, organizaram, classificaram e dele conservaram vários acervos, durante o tempo que aí laboraram. Salienta-se que, também, fizeram parte da equipa de trabalho que concretizou a atual exposição permanente na FPC, «Vencer a Distância – Cinco Séculos de Comunicações em Portugal», a saber:

Dr. Alfredo Anciães – património das telecomunicações; Dra. Alva Santos – património postal; Dra. Isabel Varão e Dra. Júlia Saldanha – património documental.

Contamos, também, com outras preciosas colaborações investigativas: da Dra. Margarida Mouta – especialista em língua e literatura portuguesa; da Dra. Cristina Weber – diretora do MC e do jovem estagiário, no Serviço Educativo do MC, Dr. Ricardo Cordeiro.

Formamos e somos uma equipa multidisciplinar, com experiências de trabalho diversificadas: nas áreas da museologia, das comunicações, da comunicação multimediatizada e interativa, da arte, da ciência, da tecnologia, da história, da literatura e da ação educativa.

Todavia, adotamos propósitos com finalidades comuns e complementares:

Por um lado, apostamos em estudar, reflectir e contribuir para a educação patrimonial, pelo incremento/aumento da tomada de consciência da importância consequente do ato de comunicar, das técnicas e estratégias de comunicação, do (in)formar, formar e tornar comum ao usufruir.

Por outro lado, queremos dar a conhecer a (r)evolução das tecnologias das comunicações, enquanto ferramentas facilitadoras do eliminar distâncias, ultrapassar barreiras, atravessar fronteiras, aproximar

peças, ao serviço da construção e do desenvolvimento da cidadania, da melhoria da qualidade de vida e do progresso social.

Assumimos a responsabilidade/compromisso de, individualmente e/ou em conjunto, estudarmos e compartilhar resultados, pelo interagir, com recurso a metodologias ativas de pesquisa, à pedagogia de projeto de trabalho cooperativo/colaborativo e de investigação-ação participativa, em prol da promoção do património das comunicações em Portugal.

Enquadramento institucional e organizacional

Exposição dentro de exposição/Roteiro por dentro do expositivo

A exposição «Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia» é uma exposição dentro de exposição – meta-exposição interpretativa.

Essencialmente, encontra-se inserida adentro da exposição permanente da FPC/MC, «Vencer a Distância – Cinco Séculos de Comunicações em Portugal».

A exposição destina-se a um público heterogéneo, mas está especialmente vocacionada para o público escolar dos ensinos secundário e superior.

Com a sua integração e enquadramento nas Comemorações do Centenário da República, pretende-se que esta, também, constituindo-se como uma iniciativa comemorativa, seja, sobretudo, uma evocação, para memória futura, da implantação da República Portuguesa, particularmente no que respeita à evolução das técnicas e tecnologias das comunicações em Portugal – correios e telecomunicações, ao longo de um século de história, e da sua importância para o aumento das capacidades ou das possibilidades de crescimento e progresso social.

Estima-se, assim, contribuir para o possibilitar de uma reflexão interpretante, pessoal e coletiva, sobre os contributos das comunicações em Portugal, causas e consequências no desenvolvimento do País e no desenrolar evolutivo, nos contextos científico-tecnológico, sociocultural, sociopolítico e socioeconómico da história nacional.

Estruturalmente, a exposição «Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia» é constituída por um Roteiro por dentro do expositivo:

› Roteiro interpretativo, face ao expositivo, porque explicativo do conteúdo exposto que se pretende razão, pela qual os objetos museológicos foram previamente selecionados e também, porque, criteriosamente, destacados;

- › Roteiro interpretador, porque cronologicamente enquadrado nos vários movimentos ideológicos sociais, culturais e políticos;
- › Roteiro interpretante, porque nos permite refletir e inter-relacionar matérias multidisciplinares.

Um roteiro expositivo que se pretende introspectivo

Por um lado, porque é um roteiro expositivo aberto e abrangente, mas reflexivo, fruto de uma análise sequencial crítico-interpretativa autoral e coletiva, focalizada na evolução histórica das comunicações – correios e telecomunicações, mas facultando matéria de investigação para outras pistas de pesquisa, de consulta, estudo e reflexão, assim como motivação para aprofundamento sobre a importância das comunicações para a sociedade portuguesa, suas abrangências, influências, desígnios e consequências, complementaridades sociais, políticas, económicas, culturais, educativas.

Por outro lado, porque é um roteiro multifacetado e diversificado, tanto no olhar individual como na análise coletiva, mas conscientemente e criteriosamente rigoroso. É um roteiro expositivo introspectivo em função dos diversos pontos de vista e ideologias dos vários autores/investigadores das suas especialidades e especificidades das metodologias utilizadas nas suas pesquisas e abordagens temáticas, mas integrado e integrador:

- › Integrado no discurso expositivo do MC, cronologicamente referenciado na evolução história das comunicações em Portugal e no mundo, mas também porque abordado de uma forma multidisciplinar sociopolítica, sociocultural, socioeducativa;
- › Integrador de temáticas consequentes nas abordagens complementares inter/pluri/transdisciplinares: artes, ciências, tecnologias, humanidades;
- › Integrado e integrador porque nos integra reflexivamente, com reflexividade e pensamento crítico, tanto nos seus enquadramentos socioconjunturais, como multidisciplinares, nos seus contextos e contexturas.

Assim, os objetos museológicos expostos foram devidamente assinalados e cronologicamente referenciados às épocas tratadas: I República (1910-1926); Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1974); Democracia (1974-2010). Desta maneira, foram também enquadrados nas várias estruturas e contextos sociais e políticos, quer nas conjunturas totalitaristas e/ou humanistas, quer nas ditatoriais e/ou democráticas, nas contexturas das suas doutrinas e ideários.

Despertando e desenvolvendo a curiosidade, o pensamento crítico e a vontade de saber mais... o que nos permite contribuir para compreender melhor:

- › a inter-relação transdisciplinar dos vários movimentos literários e/ou artísticos com as descobertas científicas e/ou as evoluções técnicas e revoluções tecnológicas;
- › a interação da arte, ciência, tecnologia, humanidades e seus construtos face às conjunturas político-sociais, económicas e culturais;
- › a causa das coisas, condicionalismos e aberturas, dependências e interdependências, enquanto reflexo (atual) dos contextos nacionais e internacionais – globais e globalizantes.

Concettualmente, e sob o ponto de vista metodológico-investigativo, o projeto «Comunicar na República» é um processo de investigação-ação participativa.

Metodologia de abordagem museográfica

Comissariar a museografia de um conjunto (re) organizado de objetos museológicos, escrupulosamente selecionados pelos investigadores deste projeto é, na sua essência, um trabalho cooperativo e colaborativo de escolha refletida e em equipa. Foi uma tarefa difícil a de selecionar o já selecionado – (re)selecionar os objetos museológicos considerados (peças, documentos, iconografia) mais importantes e fundamentais na história e para a (re)evolução técnica e tecnológica das comunicações, ao longo do centenário da e na República Portuguesa, porque os objetos museológicos (todos oriundos do património museológico à guarda da FPC) considerados e escolhidos, foram historicamente contextualizados, estão sinalizados e devidamente destacados no discurso expositivo, já existente, com critérios de inter-relação e importância técnico-temática, histórico-conjuntural e complementaridade multidisciplinar.

Pretendemos, assim, provocar/promover um metadiscurso expositivo, como que um metapercurso de (re)análise do discurso que consideramos de paragens relevantes, ao longo dos vários percursos expositivos – correios e telecomunicações da exposição permanente da FPC/MC, «Vencer a Distância – Cinco Séculos de Comunicações em Portugal».

As peças expostas, postas em destaque, constituem, *per se*, uma mostra modular, articulatória das paragens assinaladas, que interagem e se constituem como um todo integrado e integrador de conceitos, contextos, conjunturas e contexturas históricas, sociais, técnicas e tecnológicas das comunicações com fins informativos e formativos, de comunicabilidade, educabilidade e usabilidade educativo-transformativa.

Simultaneamente, porque se pretende (re)estabelecer novos elos de ligação, nós e laços, entre a colecção museológica da FPC e as várias pontes da história da República em Portugal, não só damos a conhecer a evolução das comunicações postais e telecomunicações, no decorrer da implantação/consolidação da República Portuguesa, como analisamos e refletimos sobre o papel das comunicações no mundo global de hoje.

(Re)visitamos, apreendemos e (re)aprendemos a importância fundamental, específica e global das comunicações na construção da sociedade, na política, na diplomacia e cooperação internacional, na educação, em cenário de guerra, na (in)formação geral da população, na propaganda e na propagação de ideários, em contextura inter-relacional com arte, ciência, tecnologia, humanidades ao serviço da sociedade (ACTH-S) de cada período histórico considerado:

- › I República (1910-1926);
- › Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1974);
- › Democracia (1974-2010).

As várias peças, que se organizam nas diversas partes que compõem um todo como paragens peças/paragens, inseridas e/ou destacadas nos/dos percursos expositivos, foram propostas pelos vários investigadores especialistas em cada uma das áreas/matérias da sua responsabilidade.

Constituem, no seu conjunto, um percurso por dentro do percurso expositivo da exposição permanente do MC, um roteiro por dentro do expositivo, enquanto percurso complementar articulatório, autónomo, diferenciado, integrado e integrador dentro dos percursos expositivos da FPC/MC.

Com efeito, com esta filosofia concetual e metodológica, essencialmente baseada no enquadramento histórico-social e sociocultural e na escolha fundamentada, consideramos que proporcionamos uma meta-exposição interpretativa, tanto pessoal como coletiva (do grupo de investigadores convidados), enquanto somatório/súmula de peças marcadas – (intra)salientes e/ou (des)vitrinadas, quiçá, aqui e ali, colocadas no exterior, deslocadas para o corredor – paragens no meio das passagens.

A perspetiva da investigação-ação participativa foi fundamental, porque é vórtice e vértice de um conjunto de olhares reflexivos sobre a importância desses objetos museológicos no contexto evolutivo do ideário republicano português e/ou das repúblicas portuguesas.

Nesse contexto, particularizamos a relevância dos objetos nas suas conjuntura e contextura, face ao enquadramento nas comemorações do Centenário da República e, também, o seu pôr por dentro/inserir

– incluir uma coisa em outra e fazer sobressair em contextura inter-relacional arte, ciência, tecnologia e humanidades ao serviço da sociedade (ACTH-S) de cada período histórico considerado.

Assim:

- › Pretendemos (re)criar novos discursos pelo (re)ativar da curiosidade educativa, pelo provocar pelo convocar a observação participante do visitante, com o propósito pedagógico-didático de o despertar para... inter-relacionar. **3**
- › Interagir pelo estimular da intencionalidade da atenção reflexiva, com sentido consentido, visando a metacognição pela (des)construção criativa, construtivista e transformativa de saberes autónomos e pensamentos críticos inter-relacionáveis.
- › Estamos, tão-somente, a contribuir para promover novos e diferenciados usufrutos, pela complementaridade (in)formativa e relacional de novos saberes, no sentido do fazer parar o olhar para ver, ver para fazer saber... Fazer saber com o sabor de aprender a aprender para melhor compreender o ato de comunicar, tornar comum... .
- › Procuramos inter-relacionar temáticas e seus conteúdos, para partilhar o construir de novos construtos; intervir pelo interagir de novas tecituras e/ou tessituras comunicacionais, harmoniosas, promovendo a participação pela (des)construção relacional (ACTH-S) dos objetos museológicos destacados/sinalizados, articulando-os.

Pretendemos, deste modo, contribuir para fomentar novos questionamentos, favorecendo e facilitando a procura da razão da causa das coisas, com vista à melhor compreensão das coisas em causa.

Caminhos de partida à chegada – para a (re)construção transformativa capaz de renovar, (in)formalizar um metadiscorso expositivo inter-relacional, atendendo a que o conjunto da selecção/sinalização/destaque dos objetos patrimoniais dentro da atual exposição permanente do Museu das Comunicações – Vencer a Distância – se constitui não só como uma proposta autónoma de interação e (des)envolvimento – objecto museológico/visitante, mas também como proposta de intervenção ativa, cumplicidade

3. Não se trata aqui de confrontar uma «velha museologia» com uma «nova museologia» nem de perto nem de longe é essa a nossa ideia, mas sim, de algum modo, «perturbar a (in)fluência» do discurso expositivo existente, convencionalizado/assumido... Trata-se sim, de procurar inovar recriando outros possíveis discursos de observação/acesso ao conhecimento relacional, interação/intervenção e complementaridade educativa formal, não formal, informal, enquanto recurso educativo, ferramenta facilitadora da exploração pedagógica da exposição dentro da exposição – criar motivos para o (des)envolvimento de oficinas pedagógicas do conhecimento relacional/visitas de estudo...

cognitiva/cognoscitiva, pelo prazer do experienciar/ usufruir em complementaridade interativa com outras exposições/eventos, no âmbito, e integrados no roteiro educativo das comemorações do centenário.

Paragens nas paisagens percorridas – pela e na evolução das comunicações postais e telecomunicações – pretexto para sensibilizar, informar, motivar o visitante pelo prazer da descoberta, para o poder estar por dentro/localizar e, através do devido destaque, referenciar a importância desses objetos museológicos nas comunicações da República, no quotidiano das nossas memórias, conhecimentos e vivências, inserindo-os em cada um dos períodos históricos referidos, na evolução das comunicações na República – técnicas e tecnologias/ produtos e serviços dos correios, telecomunicações e instituição reguladora do setor, ao longo de 100 anos (1910-2010) da sua história no contexto museal (museográfico interactivo) «(a) dentro» e no âmbito da exposição «Vencer a Distância – Cinco Séculos de Comunicações em Portugal».

Caminhos de chegada à partida

Pressupostos, reflexões de realidades, virtualidades, virtuosidades e imaginários metamórficos e/ou metafóricos...

O significado do verbo comunicar, muito abrangente, tem evoluído com(o) a humanidade, se entendermos comunicação como uma necessidade humana vital para construção/reprodução/envolvimento/desenvolvimento individual/grupal/social. A comunicação genericamente, como ligação e/ou ato, ação ou efeito de comunicar ou de comunicar(-se)... e, comunicar, essencialmente, como a imprescindibilidade do dar a conhecer, partilhar, conviver, trocar, transmitir a outro – é o tornar comum.

O conceito de república também contém algumas ambiguidades interpretativas...

Por um lado o significado da origem da palavra república como coisa pública... **4**

Por outro lado, a república como «uma forma de governo em que o Estado se constitui de modo a atender o interesse geral dos cidadãos», (de todos, independentemente da forma de governo), mas também, «uma forma de governo na qual o Povo é soberano, governando o Estado por meio de representantes in-

vestidos nas suas funções em poderes distintos» (poder constitucional, legislativo, executivo, judiciário...). Muitas vezes, república confunde-se com regimes liberais ou até com (neo)Liberalismo... Outras vezes, república apenas por democracia, (democracia essa que pode existir num sistema presidencialista ou parlamentarista, republicano ou até monárquico e pode ser directa e/ou indirecta, onde o poder emana do povo ou está nos cidadãos por meio de representantes eleitos por estes). Mas república/republicanismo, **5** por regra geral é hoje a designação do Estado ou do regime político que optou pelo chefe de Estado eleito pelo povo e, por tempo limitado, que se opõe à monarquia, onde o monarca ocupa normalmente esse cargo, mas com carácter vitalício e/ou hereditário. Embora hoje se assista com frequência a uma certa

5. Joel Serrão. (Direção de) *In: Dicionário de História de Portugal: «Republicanismo. Se pretendemos caracterizar, com clareza e a distinção possíveis, o republicanismo português, encontrar-nos-emos, sem dúvida alguma, ante um problema de difícil abordagem. Pela sua natureza tantas vezes vaga, pelos descontraídos caminhos que historicamente nele tiveram origem, o fenómeno ideológico republicano esquivava-se à análise, na medida em que se nos apresenta, nuclearmente, como uma contraditória aspiração da consciência burguesa, que se diria revoltada contra a sua mesma condição. Aspiração essa que, em boa verdade, se concretizou muitas vezes em rep-tos líricos, em declarações enfáticas, porém raramente, e só a partir de certo momento, num sistema articulado de ideias e intenções. Para perscrutar o sentido mais fundo do republicanismo, há que situá-lo no seu contexto histórico português, ou seja, nas suas relações umbilicais com o liberalismo, tal como ele se definiu e vicejou na terra lusitana. Nesta perspectiva, afigura-se legítima a asserção de que o republicanismo português já existia, latente, na corrente esquerdista das Cortes Gerais de 1820 (v. Vintismo), assim como a ideologia setembrista (a partir de 1836) (v. Setembrismo) e na rebelião patuleia (1846-47). Porém, sobretudo, ele é originário, matricialmente e no contexto europeu, da tríade liberdade, igualdade e fraternidade, que a Revolução Francesa (1789) tornou lábaro das esperanças progressistas no decurso do século XIX. (...) Pela via do pendor democratizante, subjacente ao liberalismo de esquerda, opera-se a transição ideológica que, cerca de 1870, incompatibilizada com o statu quo, entrevê o porvir da grei na solução política do regime republicano, que seria, aos olhos da inteligência moça desse tempo, conclusão natural e fatal da “revolução”. Eis como exprimia Antero (1870), bardo da “ideia nova”, a vivencia republicana da sua geração: a revolução “domina, com a ubiquidade do destino, a humanidade contemporânea, e sob várias formas e vários nomes a penetra por todos os lados. É a renovação universal dos espíritos e das sociedades. No mundo dos pensamentos chama-se filosofia; no das consciências, liberdade religiosa; no mundo dos fatos sociais o seu nome é democracia e república. Mas como os fatos sociais, na sua imensa complexidade, representam nas instituições o estado e a feição dos pensamentos e das consciências, a República deixa de ser uma instituição particular e circunscrita, para se tornar a forma compreensiva de toda a substância social e o símbolo visível da Revolução. É mais do que uma palavra; é um credo; mais do que uma bandeira; é um lábaro”» (jornal *A República* de 11 de maio de 1870, pp. 285-287).*

4. José Pedro Machado. *In: Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: «República, s. Do lat. República, forma por rem pública, de res pública, “a coisa pública, o estado; administração do estado, negócios públicos, vida política; o governo considerado nas suas relações com o exterior: forma de governo”; por via culta.»* (p. 81).

tendência de tentativa fatual de monarquização e/ou neoliberalização de algumas das entidades e até instituições ditas republicanas, nos ditos bons ou maus sentidos dos termos.

De alguma forma o mesmo acontece com o binómio Comunicar – República: Por um lado, o consequente alargamento da sua abrangência e, por outro, a diversidade de pontos de vista – olhares crítico-construtivos/reflexivos possíveis e desejáveis.

Mas também porque, de algum modo, na simbiose de «Comunicar» com «República» podemos (re)considerar análises de processos metamórficos e metafóricos, tanto nas mudanças de forma, de natureza ou de estrutura, quanto nas designações qualitativas e/ou representativas, por analogias, alegorias interpretativas neste âmbito concetual.

Neste sentido, «Comunicar» na «República» é visto como modo de expressão interpretativo da vontade, intencionalidade de informar, formar, transmitir, participar na multiplicidade das suas interações, mas também representativo de novas ideias, pensamentos, ideários conscientes e consequentes nas formas de interagir.

Deste modo, pensamos o concetualizar do «Comunicar na República» como um processo dinâmico, em movimento, em contínua (trans)formação, transformador e (auto)transformativo que (re)evolui connosco e com o social... Integrado e integrador porque se contextualiza no político, no económico, no educacional, no patrimonial, no cultural..., de uma forma (inter/trans)multidisciplinar e inter-relacional: arte, ciência, tecnologia, humanidades... partindo de estudos sobre o património nacional das comunicações – correios e telecomunicações, do conhecimento histórico e científico-tecnológico do acervo museológico à guarda da Fundação Portuguesa das Comunicações, uma equipa de investigadores do Grupo de Amigos do Museu das Comunicações (GAMC) desenvolveu

um trabalho de projeto investigativo cooperativo/colaborativo que se pretende um projeto útil, pertinente, atual, activo e atuante, em construção criativa, mas também aglutinador, articulatório, participativo e complementar: comunicativo, educativo, rigoroso, ponderado pela investigação-ação participativa, capaz de refletir sobre si, de uma forma consciente e consequente, de resultados contributivos ao serviço da sociedade, dos cidadãos e da cidadania com vista à melhoria da qualidade comunicativa e/ou sustentabilidade culturalativa. **6**

Assim, neste projeto concetual de trabalho investigativo – «Comunicar na República» restringimos o conceito de comunicar à perspetiva do enviar/receber e/ou transmitir, promover/difundir mensagens, informação, conhecimento..., entre pessoas, mediante um código comum, entre o destinatário/remetente ou emissor/receptor, tanto pelo endereçar ou encaminhar, pelo tratamento de correspondência por correio, por vários meios de transporte, como pela transmissão de sinais, por meios óticos, eletromagnéticos, eletrónicos, analógicos e/ou digitais... o tornar comum por canais comunicantes – correios e telecomunicações.

Assim, entendemos o projeto «Comunicar na República» enquanto processo capaz de gerar novos contributos para melhor compreendermos o perspetivar/prospetar (no passado, presente e futuro) o que foram, são e serão ferramentas facilitadoras, instrumentos para ajudar a desenvolver/aperfeiçoar o tornar comum para o bem da coisa e da causa pública.

Desde sempre o ser humano tenta comunicar melhor, mais longe e mais rápido.

6. Joel Pereira de Almeida. (2011). *In*: Comunicação ao XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Universidade do Minho/Universidade da Coruña, «Contributos da Comunicação Educacional Multimédia para melhoria da Qualidade Educativa» e ao III Seminario Iberoamericano de Investigación en Museología (SIAM) – «Contributos da Museografia Interativa, nos Museus/Centros de Ciência e Tecnologia, para a promoção e desenvolvimento da Cibercultura Científico-criativa na prospectiva da Sustentabilidade Culturalativa» – Universidad Autónoma de Madrid /Universidade do Porto: «Consideramos que a sustentabilidade culturalativa passa pela (re)construção inter-relacional de novos «saberes/attitudes» – ser/percepcionar, conhecer/fazer, estar/conviver... consequentes da aquisição de novos saberes interpretativos, cognitivos, resolutivos, relacionais em articulação multidisciplinar: arte, ciência, tecnologia, humanidades...reforçando o papel da comunicação educacional, técnico-científica e sociocultural no e pelo envolvimento e desenvolvimento da comunicabilidade informativo-formativa, usabilidade educativo-transformativa, educabilidade multi-formativa, tanto na aprendizagem social – valores e cidadania, como na sua consolidação cognitivo-cognoscitiva pela promoção/desenvolvimento de uma nova cibercultura científico-criativa da era digital.»